REVISTA DA FUNDARTE
ANO 22
NÚMERO 50
JULHO A SETEMBRO DE 2022
FUNDAÇÃO MUNICIPAL DE ARTES DE MONTENEGRO



TRAJETÓRIAS EM ARTE:
POSSIBILIDADES PARA PERFORMAR E EDUCAR NA CONTEMPORANEIDADE

ROSANA PAULINO E EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICOS-RACIAIS: CONTRIBUIÇÕES PARA PENSAR A CRÍTICA E A POTÊNCIA PEDAGÓGICA

Lucas Nascimento Braga Silva

Resumo: Este texto tem por objetivo analisar a potência pedagógica da obra da artista e educadora Rosana Paulino na Educação para as Relações Étnico-Raciais. Propõe um exercício teórico e conceitual, que lança olhar apara as conjugações entre as obras de Paulino e Educação para as Relações Étnico-Raciais. Rosana Paulino é uma artista negra que tem sua poética voltada para as questões de gênero, raça e identidade, trazendo em suas obras problemáticas históricas relacionadas a escravidão, ao racismo e as desigualdades com a população negra. A partir da análise da obra *Classificar é saber?(2016)* e da experiência docente de dois professores de artes de escolas públicas das cidades de Sapucaia do Sul (RS) e Montenegro (RS) buscou-se perceber a contribuição das obras para o trabalho da Educação das Relações Étnico-Raciais principalmente no ambiente escolar. Como opção metodológica, a produção e da escrita reflexiva de um ensaio resultou nas discussões necessárias para responder o seguinte questionamento: Como a obra de Rosana Paulino contribui na educação para a Educação das Relações Étnico-Raciais? Como conclusões, pode-se relacionar as contribuições pedagógicas da obra da artista mencionada, para contribuir na produção de conhecimento no campo das artes e da educação.

Palavras-Chave: Potência pedagógica da imagem; Educação Étnico-Racial; Cultura Visual.

ROSANA PAULINO AND EDUCATION OF ETHNIC-RACIAL RELATIONS: CONTRIBUTIONS TO THINK THE CRITICISM AND THE PEDAGOGICAL POWER

Abstract: This text aims to analyze the pedagogical power of the work of artist and educator Rosana Paulino in Education for Ethnic-Racial Relations. It proposes a theoretical and conceptual exercise, which looks at the conjugations between the works of Paulino and Educação para Ethnico-Racial Relations. Rosana Paulino is a black artist whose poetics are focused on issues of gender, race and identity, bringing in her works historical problems related to slavery, racism and inequalities with the black population. From the analysis of the work Classifying is knowing? (2016) and the teaching experience of two art teachers from public schools in the cities of Sapucaia do Sul (RS) and Montenegro (RS), we sought to understand the contribution of the works to the work. Education of Ethnic-Racial Relations mainly in the school environment. As a methodological option, the production and reflective writing of an essay resulted in the necessary discussions to answer the following question: How does Rosana Paulino's work contribute to education for the Education of Ethnic-Racial Relations? As conclusions, it is possible to relate the pedagogical contributions of the aforementioned artist's work to contribute to the production of knowledge in the field of arts and education.

Keywords: Pedagogical power of the image; Ethnic-Racial Education; Visual Culture.

INTRODUÇÃO

Texto parte em seu viés crítico e questionador das coisas, a partir da vivências de um professor negro e de uma professora branca que atuam nas redes públicas de ensino estadual e municipal do Rio Grande do Sul como educadores na

área das artes. Olha assim, para as coisas, as entendendo como articuladora e produtoras de relações com o mundo.

Entendemos que no âmbito da academia, já é consenso que as posições que assumimos como pesquisadores, professores, mulheres e homens são importantes e nos dizem muito sobre nosso lugar da produção de conhecimento. Tratando-se de uma desafiadora escrita sobre relações raciais em que se coloca em cena outros sujeitos e suas histórias de vida além de posicionamentos sociais e subjetivos, faz-se necessário ampliar o olhar atento, a sensibilidade, o senso de justiça, o cuidado e a reflexão para com o outro.

Nesta posição de pesquisadores sobre o tema racial dentro de uma perspectiva artística onde se produz conhecimento, ampliamos nosso entendimento sobre as coisas dadas nesta investigação a partir da hipercrítica, um conceito parte dos estudos pós-estruturalista em Educação, esta perspectiva que não se trata apenas de um mera crítica sobre as coisas, implica também “desterritorializar, desfamiliarizar, levar ao estranhamento” (VEIGA-NETO, p.13, 2020) aqueles aspectos que aparentemente estão naturalizados em nossas formações discursivas.

As perguntas que vetorizam e inspiram esse texto são: Como a obra de Rosana Paulino contribui na educação para a Educação das Relações Étnico-Raciais? Qual ou quais as potências pedagógicas podem ser encontradas nas obras de Rosana Paulino?

Na realização desta pesquisa, entendemos e situamos o termo artefato cultural como um objeto que pode ser ou não produzido pela mão de um sujeito, podendo ser de qualquer naturalidade este objeto quando atribuído valores, crenças e possíveis representações de identidades. A noção de artefato cultural, que oferece abordagem teórica ao texto, parte de Hall (2016). O autor desenvolve o conceito de cultura e representação, explicando a complexidade dos termos e a relação dos objetos culturais na criação de representações que impactam na sociedade.

Segundo Strobel (2008), os artefatos culturais não são apenas produções materiais de uma cultura, mas consistem nas manifestações culturais, produções palpáveis e não palpáveis que expressam sua forma de ver, entender e transformar

o mundo do qual ele se apropria para seu desenvolvimento cognitivo, cultural e de sua identidade. Deste modo, a partir do entendimento de representação de cultura de Hall (2016) e suas relações com o artefato cultural, situamos nesta escrita as obras de Rosana Paulino e memes como um artefato cultural possível de análise e estudo para ampliação da discussão sobre a temática da Educação para as Relações Étnicos-Raciais.

As visualidades estão intrinsecamente ligadas ao mundo e as subjetividades, partindo deste contexto, pensar a ideia de potência pedagógica nas imagens de Rosana Paulino vem de encontro com uma ERER mais humana e contemporânea. Abordar o conceito de potência com base naquilo que Fernando Hernández (2007) explica como uma produção de subjetividades oriundas dos espaços culturais que meninos e meninas frequentam. Para o autor, estas subjetividades pertencentes a uma cultura visual colaboram para uma construção de narrativa da educação para as Artes Visuais. No sentido propriamente dito de potência, este conceito está relacionado com a ressignificação das experiências estéticas que alunos adquirem ao viverem em uma cultura visual, estas imagens quando problematizadas e integradas ao currículo escolar, proporcionam aprendizagens significativas.

Com esta linha de pensamento construímos uma investigação, pensando na escola, na negritude, na arte, nas subjetividades, em Rosana Paulino, na Educação e com o olhar crítico sobre a realidade das coisas, para que, também desta forma se possa produzir conhecimento e ocupar o espaço acadêmico com uma produção que reflita e ecoe pensamentos.

Ensaiar é ensaiar-se no pensamento

No campo das artes, os procedimentos metodológicos tendem a seguir uma habitual criação e reinvenção, assim como nas demais áreas das ciências humanas,.Estes processos caracterizam um determinado campo, o que de certa forma nos possibilita pensar as pesquisas em artes como algo além do tradicional, mas não menos importante perceber, formular, analisar e concluir.

Tal reflexão aqui proposta não se trata de uma crítica aos modos mais tradicionais de fazer pesquisa, pois estes procedimentos asseguram a si e atestam que os demais procedimentos e resultados da pesquisa são confiáveis e válidos. A reflexão artística, quando aprofundada ao modo de pesquisar, consiste não apenas em criar condições para que seja possível a dinamização da arte em categorias de pesquisa, como algo palpável a ser distribuído em “caixinhas” metodológicas, ainda como algo que não seja exclusivamente para obedecer as regras e manuais acadêmicos da instituição, mas sobretudo como algo que agregue valor e contribua na construção do conhecimento artístico. Entendemos que neste processo de investigação, o trabalho artesanal, com foco na qualidade, estará presente, assim como descreve Richard Sennett (2012): com foco na cooperação e na habilidade artesanal.

Este pensar na cooperação e na habilidade artesanal faz referência ao artífice. O artífice é aquele ser que produz manualmente suas coisas, coloca (ou tira) do papel suas ideias e reinventa a sua relação com o meio e as formas, costuma relacionar sua prática com uma maneira de fazer e ao fazer bem, neste último pensando a qualidade. Além da cooperação e da habilidade artesanal com foco na qualidade, consideramos, também, nesta metodologia os aspectos da metodologia sobre arte, a qual entendemos como a relação entre criação de obras, elementos do fazer, da técnica, na elaboração de formas, na reflexão, de outro modo, em todos os componentes que participam na constituição de um pensamento visual estruturado.

Na literatura sobre este conceito, diversos autores (CATTANI; FERVENZA e TESSLER, 2002) têm contribuido para o entendimento desta abordagem, descrevendo que pesquisa sobre arte é aquela que envolve a análise das obras, reunindo a história da arte, a crítica da arte, as teorias da arte e, ainda, conceitos de outras áreas do saber, utilizados como conceitos instrumentais.

O ponto de partida para esta escrita, que aconteceu de forma coletiva, colaborativa e artesanal, levou em consideração nossas experiências e vivências quanto professores da educação básica e pesquisadores da educação e das artes. As narrativas presentes neste processo serão oriundas de problematizações que

serão apresentadas na problematização do texto, que ao seu final estará à altura de produzir respostas para as perguntas aqui alocadas e na produção de conhecimento para as artes, para a ERER e a educação como um todo.

Ao realizarmos este processo metodológico e posterior redação do texto, acreditamos que estaremos, não apenas apontando respostas para as questões de pesquisa aqui propostas, mas que estaremos contribuindo para a produção de conhecimento no campo artístico e educacional, especialmente a respeito da ERER com a obra de Rosana Paulino.

Desta forma, partindo dos nossos contextos, a investigação da temática sobre a potência pedagógica das obras de Rosana Paulino para o desenvolvimento da Educação das Relações Étnicos-Raciais (ERER) torna-se cada vez mais importante no contexto escolar, pois Rosana Paulino é uma artista brasileira, nascida em São Paulo, que tem como eixos de construção de sua poética as questões sociais, étnicos-raciais e de gêneros. Através de suas imagens que dialogam e percorrem o passado e o presente, como, por exemplo, a obra *Classificar é saber?* de 2016, conseguimos refletir sobre racismo, sobre a nossa história, e sobre a condição dos negros e, principalmente, das mulheres negras na sociedade brasileira contemporânea.

Escolher Rosana Paulino como referência para pensar suas obras como potência pedagógica para uma Educação das Relações Étnicos-Raciais é um grande desafio, visto que sua poética é complexa, fundamentada em pesquisa e com um amplo acervo de obras. Em razão disso, se fez necessário dividir em três pontos fundamentais o porquê de trabalhar com essa artista em sala de aula. O primeiro seria trabalhar artistas negros contemporâneos em sala de aula, na nossa experiência como docentes da escola pública, da nossa observação das práticas educativas e das diferentes formas de manifestações no contexto escolar que constroem nossa forma de ser, agir e ver o outro, percebemos que raramente os artistas negros são trabalhados em sala de aula. Quando há algum tipo de trabalho geralmente ocorre no mês de novembro, na semana da consciência negra, e muitas vezes parece mais um compromisso social forçosamente criado. Quando acontecem

trabalhos fora do mês de novembro e que se trabalha a arte negra é frequente trabalhos de construção de máscaras africanas.

Há várias problemáticas que acompanham as construções das propostas pedagógicas realizadas na escola, primeiro a ausência de autores, artistas e pensadores negros durante o trabalho do ano letivo; segundo a redução de culturas e diversidade do continente africano a uma única manifestação que, embora bem intencionada, mostra um estereótipo tribal e primitivo ligado a população negra e africana.

Assim, ao escolher a Rosana Paulino e traze-la para sala de aula, propõe mudanças no olhar em relação ao artista negro. Rosana Paulino é uma artista, pesquisadora e educadora contemporânea que trabalha com questões que estão no cotidiano escolar como, por exemplo, o preconceito racial. Além disso, o fato de ser mulher negra artista é um importante ponto para trabalhar nas aulas de Artes, já que a própria História da Arte negou suas mulheres e suas mulheres negras artistas.

O segundo ponto seria o preconceito racial no cotidiano escolar que desde 2003 há leis que normatizam o combate do racismo no contexto escolar. A Lei 10.639/2003 que estabelece a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana na Educação Básica e o PARECER N.º: CNE/CP 003/2004 que explica o que se entende por Educação das Relações Étnicos Raciais, colaboram na construção de outras práticas pedagógicas. Nesses dois documentos e, em especial, o parecer esclarece sobre as políticas de reparação e o compromisso do ERER:

> Para reeducar as relações étnico-raciais, no Brasil, é necessário fazer emergir as dores e medos que têm sido gerados. É preciso entender que o sucesso de uns tem o preço da marginalização e da desigualdade impostas a outros. E então decidir que sociedade queremos construir daqui para frente. (2004, p. 5).

Neste sentido, é necessário abandonar práticas pedagógicas que reforçam os estereótipos referentes aos negros, de representações do dia da consciência negra,que pouco levam a uma consciência étnico-racial e mostrar aos estudantes a

história, a desigualdade, dialogar os fatos do passado com os da sociedade contemporânea, promover debates. Nesse sentido, entendemos que para:

> Combater o racismo, trabalhar pelo fim da desigualdade social e racial, empreender reeducação das relações étnico-raciais não são tarefas exclusivas da escola. As formas de discriminação de qualquer natureza não têm o seu nascedouro na escola, porém o racismo, as desigualdades e discriminações correntes na sociedade perpassam por ali. Para que as instituições de ensino desempenhem a contento o papel de educar, é necessário que se constituam em espaço democrático de produção e divulgação de conhecimentos e de posturas que visam a uma sociedade justa. A escola tem papel preponderante para eliminação das discriminações e para emancipação dos grupos discriminados, ao proporcionar acesso aos conhecimentos científicos, a registros culturais diferenciados, à conquista de racionalidade que rege as relações sociais e raciais, a conhecimentos avançados, indispensáveis para consolidação e concerto das nações como espaços democráticos e igualitários. (PARECER N.º: CNE/CP 003/2004, p. 6).

Compreendendo a escola como espaço democrático de construção de conhecimento, torna-se um local importante para trabalhar a Educação das Relações Étnicos-Raciais e a sala de aula um campo potente para combater o racismo e as desigualdades sociais. Sabemos que a escola e o professor não são os únicos que devem trabalhar com ERER, porém por ser um espaço propício para o debate colabora na construção de outros modos de ver, de ser e de agir na sociedade. Assim, pensando na prática do professor e na ERER, a artista Rosana Paulino e sua poética ligada às questões étnicas-raciais contribuem para a construção de novas visualidades do outro.

O terceiro e último ponto seria o artefato cultural na produção de visualidades. Entendemos que o artefato cultural é qualquer produto de uma determinada cultura, capaz de produzir significados e construir representatividades, ou seja, formas que aprendemos a nos ver, ver o outro e agir na sociedade. Nesse sentido, a obra de Rosana Paulino é um artefato que produz significado que constroem outras relações raciais, permitindo questionar verdades e visualidades anteriormente consagradas. A

exemplo, escolhemos duas obras que dialogam e se complementam para trabalhar ERER.

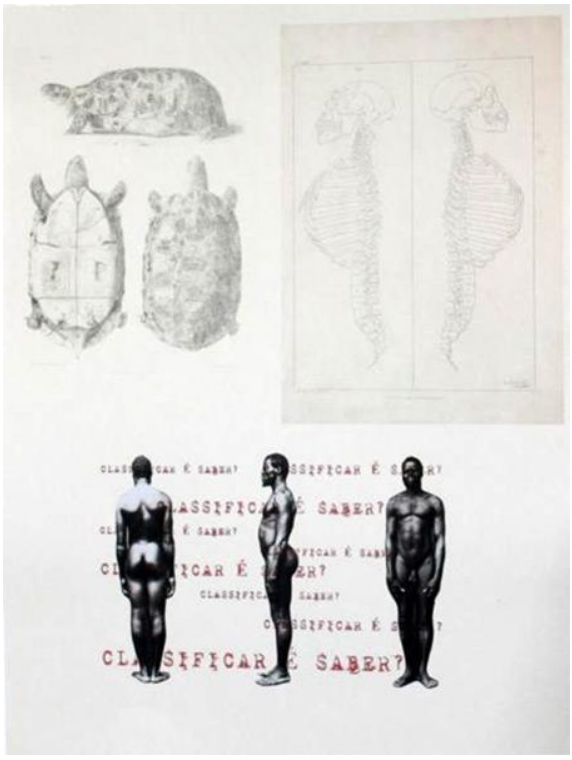


*Figure SEQ Figure * ARABIC 1 CLASSIFICAR É SABER? Imagem transferida sobre papel e colagem. 56,0 x 42,0 cm. 2016.*

Fonte: Site da artista e educadora Rosana Paulino.


O AMOR PELA CIÊNCIA
O AMOR PELA CIÊNCIA
O AMOR PELA CIÊNCIA



Figura 3 A bacia da "aldeia senegalesa", Exposição Universal de Liège, postal, heliotipia, 1905.

Fonte: Site cnrs news.

A obra de Rosana Paulino, com seu questionamento provocador e seus diálogos com o passado imperialista, traz a reflexão das questões raciais da atualidade em que as práticas de classificar, de nomear, de estudar e julgar continuam sendo realizadas em diferentes formas na sociedade contemporânea. Segundo o Atlas da Violência de 2020, elaborado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA):

> [...] os jovens negros figuram como as principais vítimas de homicídios do país e as taxas de mortes de negros apresentam forte crescimento ao longo dos anos, entre os brancos os índices de mortalidade são muito menores quando comparados aos primeiros e, em muitos casos, apresentam redução. (2020, p. 47).

Desta forma, a obra de Rosana Paulino conta a nossa história e, ao mesmo tempo, dialoga com questões que atravessam a nossa vida cotidiana e escolar. Percebemos que não paramos de classificar, rotular e julgar o outro. Na segunda imagem da artista, temos a obra *Amor pela Ciência* que novamente faz essas

relações, mas coloca a ideia que pela ciência, pela evolução, justificamos ações que não são éticas e nem justas.

Ao reconhecer a sociedade brasileira como racista e a escola como um espaço que é atravessado pelas demandas da sociedade, acreditamos ser pertinente estudar os trabalhos da artista Rosana Paulino, visto que sua poética carrega potência para criar outras formas de debates, outras formas de ver o outro e outras formas de agir na sociedade.

REPRESENTAÇÃO, POTÊNCIA E A OBRA DE ROSANA PAULINO

O conceito de representação é amplo e longe de ser esgotado como campo de estudo. Por isso, ao ter conhecimento de diversos trabalhos e autores que dedicam a pesquisar sobre esse tema, optamos por tentar delimitar o conceito de representação dentro da perspectiva dos Estudos Culturais, especificamente, procurando dialogar com o Stuart Hall (2016, p. 31) e seu livro Cultura e Representação. Desta forma, definimos e entendemos representação como: “[...] uma parte essencial do processo pelo qual os significados são produzidos e compartilhados entre membros de uma mesma cultura. Representar envolve o uso da linguagem, de signos e imagens que significam ou representam objetos”.

No entanto, como o próprio autor afirma, a representação está longe de ser um processo fácil e direto. No decorrer da história, a representação recebeu a colaboração de diferentes pensamentos teóricos, como, por exemplo, vindo da linguística de Ferdinand Sausurre (2012), que conhecemos como semiótica, de Michel Foucault (2010) e seu entendimento de poder e conhecimento, a partir de uma visão historicizada e dos discursos que construímos dos sujeitos, entre outros que ajudaram a construir possibilidades de entendimento desse conceito.

Neste trabalho nos interessa pensar a representação como significados compartilhados entre membros de uma mesma cultura e como esses significados constroem formas de ver e perceber a si e o outro; como as representações contribuem para criarmos discursos sobre nós e o outro. Sabendo da complexidade

que envolve o "Outro", que diz respeito a diferença, e longe de querer soluções e respostas para essa questão, procuramos olhar, ler e compreender os nossos contextos educacionais e pensar de forma colaborativa, possibilidades de intervir no espaço escolar e nas relações com os alunos na construção de outras formas de representação do sujeito, procurando pensar sobre a representação de mulheres e homens negros no cotidiano e como essas representações constroem nossa maneira de pensar e agir na sociedade.

A partir desse pensamento, escolhemos a artista Rosana Paulino e sua obra para dialogar com as representações que permeiam o cotidiano escolar. Rosana Paulino é uma artista e educadora, sua obra apresenta uma preocupação com as representações do negro e, principalmente, com a mulher negra no decorrer da história e como essas representações infelizmente de conotação negativa ainda encontram-se na sociedade contemporânea brasileira. Poderíamos dizer que, antes de pensar na própria obra da Rosana Paulino, trazemos e escolhemos a própria artista como representação da mulher negra na sociedade brasileira, confrontando as visões estereotipadas que se tem da mulher negra e artista.

Fazendo uma breve apresentação, Rosana Paulino é doutora em Artes Visuais, pós-graduada pela Universidade São Paulo, possui uma carreira consolidada e legitimada pelo sistema da arte, com exposições no Brasil e no exterior e sua obra já encontra-se presente em livros didáticos escolares. Embora não precisássemos falar de seu currículo, pois pode parecer que sempre quando falamos de mulheres, artistas e negras, precisamos legitimá-las a partir da escrita que está no seu lattes e não por sua própria obra. Essa exposição tem por objetivo deixar claro para o leitor um dos motivadores da nossa escolha, sabendo que não há necessidade de discorrer sobre o seu currículo e sim sobre sua obra e sua história, e a maneira como organiza os elementos visuais, com a finalidade de produzir outros discursos e representações para a mulher negra e homem negro.

Nesse sentido, em busca de outras construções de representações da mulher e homem negro, escolhemos a obra, "*Classificar é saber?"(fig 01)* realizada no ano de 2016. Esta obra traz como título a pergunta provocadora que nos faz refletir sobre

se sempre que classificamos algo realmente temos o conhecimento sobre ele. Que tipo de classificação fazemos? Com base em quais informações classificamos? Será que essa classificação seria justa ou classificamos de forma a reduzir o próprio objeto? Sabemos que a classificação é uma maneira simples de organizar determinada informação sobre um objeto, porém ela nunca conseguirá abranger a totalidade daquele do qual se fala. É uma visão limitada, que se sustenta em uma organização por aproximação e semelhança. Mas qual seria a classificação questionada por Rosana Paulino? Quais aproximações e semelhanças as pessoas foram classificadas na história? Ao pensar na questão de classificação, sabemos da problemática que envolve este ato, pois ele concentra-se em dizer e separar de forma bruta que uma coisa é diferente da outra, como, por exemplo, branco/preto. Hall (2016) fala que formas de oposições binárias, dentre elas, branco/preto, masculino/ feminino, que estão presentes na classificação, são reducionistas, visto que entre essa oposição existe grande quantidade de variações. Dessa forma, retomamos o questionamento da artista, *classificar é saber?* (2016).

Nesta obra observamos a imagem de um homem negro, ereto, em três posições diferentes que mostram seu corpo nu. Acima da imagem de um réptil, nas mesmas três posições e ao lado, no canto superior direito, a estrutura que remete a um esqueleto humano. A representação da imagem do homem negro em relação aos outros elementos da composição visual sugere a comparação do humano com um tipo de animal a ser estudado, desmembrado, classificado. Na imagem, o homem negro perde sua forma humana, sua identidade é anulada e sobreposta a ela, é colocado um estatudo de objeto de estudo.

Sabemos que a história, muitas vezes, classificou mulheres e homens negros, anulando suas identidades, desmenbrando seus corpos como objetos e exibindo suas imagens como parte de estudos científicos, muitas vezes justificados em prol dos avanços da ciência. Podemos recordar as representações de mulheres e homens negros no século XIX e XX, pricipalmente no período do Imperalismo. Porém, será que no século XXI deixamos de classificar e desmenbrar mulheres e homens negros? Quais são as representações que circulam no nosso cotidiano?

Quais são as representações de mulheres e homens negros que permeiam os contextos dos alunos com os quais nos relacionamos?

Hoje, devido a todos os avanços tecnológicos e a hiperconexão em que muitos de nós e de nossos alunos se encontram, somos constantemente rodeados por representações de mulheres e homens negros que circulam na internet, principalmente, através de redes sociais , dentre elas, Facebock, Instagram, WhatsApp. Essas representações carregam as formas como vemos e compreendemos a identidade negra da sociedade brasileira. Assim, escolhemos para dialogar com a obra da Rosana Paulino, print de memes retirados de redes sociais dos quais nossos alunos fazem parte. O objetivo é analisar as imagens postadas pelos alunos, dialogar com a obra da Rosana Paulino e observar como a representação da mulher e homem negro vem sendo comprendida e compartilhada por esses alunos, e como estas representações adentram e impactam no contexto escolar.

Vamos observar os dois prints da rede social e procurar pensar na representação da mulher e homem negro, dialogando com a obra e questionamento da artista Rosana Paulino, *Classificar é saber?*



Fonte: Rede social Facebook

Na imagem da figura 2 percebemos um boneco representando um homem negro, fazendo alusão ao boneco e desenho do Max Stell, que originalmente é representado por um jovem branco. Na legenda que acompanha a imagem diz: "Max Stell carioca" e remete ao personagem Dadinho, do filme Cidade de Deus. Dadinho foi um criminoso conhecido no Rio de Janeiro-RJ, que foi retratado de forma ficcional no filme brasileiro. Nesta representação nos interessa como o homem negro é visto e associado ao crime, reforçando o estereotipo negativo que todos os criminosos são negros. Além da associação com a pele negra, temos o estereótipo que todos os cariocas são criminosos e esses criminosos são negros. Além disso, este *meme* que circula na internet utiliza a classificação como meio de promover humor a partir das imagens de pessoas negras.



Fonte: Rede social Facebook

O segundo meme (figura 3) é composto pela imagem de várias pessoas de diferentes idades, seis pessoas negras, uma branca e a última a imagem do personagem pernalonga. A relação com a caricatura, com exagero, com o engraçado, através da imagem da pessoa negra, que durante a história foi alvo de curiosidade, exibição e deboche por suas características físicas é reforçada na composição da imagem.

Ambas as imagens trazem a classificação da pessoa negra, tirando sua identidade e a reduzindo na representação do criminoso e do engraçado. Estas representações circulam na internet e fazem parte do contexto dos nossos estudantes. Então como elas adentram no contexto escolar e como impactam no cotidiano nas relações escolares? Como elas dialogam com a obra de Rosana Paulino? E como a obra pode ser potente para despertar outras relações?

Procuraremos pensar esses questionamentos através da potência que encontramos na obra da Rosana Paulino e no diálogo com imagens de memes que também carregam sua potência de comunicação e reflexão.

ARTE E MEME: UM ENCONTRO COM A POTÊNCIA PEDAGÓGICA

Começamos com um questionamento levantado pela artista Rosana Paulino em sua tese de doutorado intitulada “Imagens das Sombras” (2011). Ela nos indaga: "Como converter uma intenção em imagem, e imagem esta que representa um pensamento, uma potência?" (p. 31). Longe de termos uma resposta correta para a pergunta, tentaremos pensar em relação da arte com o diálogo, com as imagens do cotidiano e como a arte pode ser potente na criação, relação e tensão com essas imagens que circulam com imensa velocidade nas nossas vidas, e impactam a realidade dos estudantes.

De forma mais genérica, os memes, e vale citar charges e figurinhas de WhatsApp, são imagens que com características do humor, do riso, da graça, tendem a criar sentidos e representações. O fato desses elementos estarem

relacionados a uma cultura de uso nos remete ao pensamento de que também podem ser lidos como artefatos culturais. Os artefatos culturais, além de produzirem informações e formas pela mão de quem o produz e de seus usuários, estão em constante renovação de seus significados. Sua classificação quanto ao seu uso, forma, representações e usuários também podem mudar no decorrer do tempo.

Retomaremos alguns pontos da arte da Rosana Paulino e de sua obra Classificar é saber?. O que seria de potente em trabalhar essa obra e a artista no contexto pedagógico. Rosana é uma artista que tem um engajamento com as questões que envolvem a identidade negra, em como o negro e, principlamente, a mulher negra, vem sendo representada na sociedade brasileira. Sua preocupação técnica com os elementos da composição visual e como eles podem transmitir um pensamento é evidente e se retrata em toda sua escrita. O compromisso e a ética de abordar temas delicados a nós, de forma visual, reforça o pensamento de Rosana Paulino que, em recente entrevista virtual concedida ao Instituto Arte na Escola, fala da sua obra como dispositivo de diálogo e não uma ilustração da realidade.

Partindo deste entendimento da obra como dispositivo para uma ação e na compreensão da potência que adotamos neste trabalho, entendemos que a poética de Rosana Paulino pode promover o diálogo com imagens que circulam no cotidiano dos alunos, como, por exemplo, os memes, contribuindo para crítica e a reflexão acerca de como se dão as representações de pessoas negras historicamente colocadas em não posições de sujeitos legitimados, em diversos campos de discussões. Esta crítica e reflexão das formas e sujeitos podem ser olhadas com lentes de produção de conhecimento e de formas de discursos, discursos estes que são verbalizados nos dizeres e na ressignificação do lugar e condição de cada indivíduo preto, o que faz com que devamos nos desprender de maneira mais habitual destes discursos produzidos. Para Foucault (2013):

> Um saber é aquilo de que podemos falar em uma prática discursiva que se encontra assim especificada: o domínio constituído pelos diferentes objetos que irão adquirir ou não um status científico; (...) um saber é, também, o espaço em que o sujeito pode tomar posição para falar dos objetos de que se ocupa em seu discurso; (...) um saber é também o campo de

> coordenação e de subordinação dos enunciados em que os conceitos aparecem, se definem, se aplicam e se transformam; (...) finalmente, um saber se define por possibilidades de utilização e de apropriação oferecidas pelo discurso. (FOUCAULT, 2013, p.220).

A contemporaneidade nos faz permeados pelo uso das tecnologias em que vemos a proliferação de imagens povoando nossos cotidianos. Consumimos imagens. Somos, nesta contextura, produtores e receptores desse volume. Neste sentido, é necessária uma postura em torno da educação, com e por meio das imagens vá além da experiência de apreciação, refletindo o prazer estético, o consumo e modos de vida que tais imagens inspiram e produzem. Assim, para o debate conceitual que é proposto aqui, entende-se que tal processo formativo deva suscitar a compreensão crítica das práticas sociais do olhar, e também, das representações visuais, evidenciando suas funções sociais e das relações de poder às quais se vinculam (HERNÁNDEZ, 2007).

Hernández (2000, p.38), dentre várias definições para arte, aponta como "campo de conhecimentos organizados que pode ajudar-nos a interpretar o passado, a realidade presente e a nós mesmos". Essa premissa não responde as problematizações levantadas, mas propõe um vetor conceitual que deixa marcas da potencialidade das artes visuais na formação humana, com finalidades de compreensão crítica e reflexiva da realidade. Essa proposição, vai ao encontro do que se vem trabalhando na ERER. Trata-se de provocações que buscam nas narrativas visuais incivilizadas as matérias para problematizar e "examinar os fenômenos que nos rodeiam, de uma maneira questionadora e construir visões e versões alternativas, não só diante das experiências cotidianas, mas também diante de outros problemas e realidades distanciadas no espaço e no tempo do nosso (o dos adultos e das crianças e adolescentes)." (HERNÁNDEZ, 2000, p.32).

Visualidades são discursos potenciais para constituição de subjetividades. Quando as práticas formativas não favorecem a construção de representatividades subalternas ou tomadas por alternativas nos discursos educacionais, grupos passam a ser narrados por representações homogêneas,

desvinculando-se de suas identidades históricas, culturais e sociais. Imagens são artefatos produtores e mediadores da constituição de experiencias de si, como nos convoca a pensar Larrosa (2010, p. 43):

> A experiência de si, historicamente constituídas, é aquilo a respeito do qual o sujeito se oferece seu próprio ser quando se observa, se decifra, se interpreta, se descreve, se julga, se narra, se domina, quando faz determinadas coisas consigo mesmo, etc. E esse ser próprio sempre se produz com relação a certas problematizações e no interior de certas práticas.

Larrosa (2010) aponta o discurso pedagógico como um dos lugares de constituição das experiências de si, fazendo refletir sobre as perguntas, esses discursos fazem aos sujeitos pedagógicos. E trata-se, assim, de interrogar menos pelo conteúdo da pergunta, centrando-se no tipo de experiência a que ela nos conduz. As perguntas são favorecidas pelas narrativas selecionadas para constituir, ao mesmo tempo, os saberes oficiais e as perguntas a serem feitas, dentro de tal discurso pedagógico. Quais grupos são aí legitimados? “É como se a educação, além de construir e transmitir uma experiência objetiva do mundo exterior, construísse e transmitisse, também, a experiência que as pessoas tem de si mesmas e dos outros como sujeitos. Ou, em outras palavras, tanto o que é ser pessoa, em geral, como o que para cada uma é ser ela mesma, em particular” (LARROSA, 2010, p.45).

O campo de estudo da cultura visual amplia tais proposições, quando demanda que os movimentos dialógicos entre prática e teoria perpassem o campo das visualidades, as compreendendo enquanto produtoras de discursos. Assim, o saber arte enreda a complexidade de relações e agenciamentos que a arte e seu ensino podem engendrar. É desde essa heterogeneidade que o saber arte se ativa enquanto prática social, reivindicando que saber arte é constituir certa capacidade de problematização das realidades dadas, experimentadas e enfrentadas.

Situam-se sobre a dialogia a que a imagens nos impele – olhar e por ela ser vista –sobrevêm as perguntas que emergem das problematização instauradas nesse texto: quais as biografias do objetos e das imagens selecionadas na proposição de práticas formativas em arte? Não se trata apenas de construir para si repertório, mas cultivar uma atitude reflexiva sobre os efeitos daquilo que me chega: o que eu faço com isso? Mas, sobretudo, interrogar-se o que isso faz comigo? Ao deparar-se com artefatos culturais que permeiam o cotidiano, perguntar menos pelo o que isso é e como a vejo, realizando giro de reflexividade sobre si, instaurando as perguntas “O que vejo de mim nesta representação visual? O que diz esta imagem de mim? Como essa representação contribui na minha construção identitária – como modo de ver-me e ver o mundo?” (HERNÁNDEZ, 2011, p.38).

Experimentar-se e constituir para si não apenas um repertório de imagens, mas de modos de criar problemas. Problemas que lhe sejam próprios. Mapeando os efeitos, esta ou aquela narrativa visual produz um efeito ou outro, refletir acerca das marcas que essas visualidades deixam nos processos de subjetivação.

Assim, destaca-se a potencialidade de uma prática docente em e com artes visuais, que se comprometa com a catação da cultura visual (HERNÁNDEZ, 2007). Em meio à contingência dos artefatos culturais, as/os docentes constituem-se catadores da cultura visual que por meio de suas escolhas criam narrativas e relações. São autores de uma narrativa, que pode ser a instauração das possibilidadesdes, perguntas e de mediações das experiências de si, que potencializam a constituição de identidades culturais antes relegadas à marginalidade ou invisibilidade.

ALGUMAS CONCLUSÕES

Chegando nesta etapa da escrita em que foi possível exercitar o pensamento e refletir a partir de nossas posições de sujeitos pesquisadores, professores, homem negro e mulher branca, encontramos, ainda, mais perguntas do que respostas.

Faz-se necessário afirmar que esta escrita não se deu em tempos fáceis. Ser professor, pesquisador e estudar Arte neste período em que atravessamos uma pandemia de proporções mundiais e, ainda, potencializada por um agravamento econômico, social e ambiental, em que o racismo é institucional, em um país em que mais de 54% da população é negra[1], e vive o maior encarceramento, negligenciamento e matança do povo preto. Esta realidade social nos permite dizer que sujeitos negros, historicamente, tendem a ser mais esquecidos e não ouvidos por classes elitizadas, e aqui há de se reconhecer que, ainda, encontramos no campo e na classe artística vertentes que beiram a exclusão de artistas não legitimados.

Esta situação de artistas legitimados ou não pelo campo da arte é justamente a experiência de vida e acadêmica da Professora Dra. Rosana Paulino. Inserir o título de Doutora para uma mulher negra que pesquisa e viabiliza pensamento a partir da situação de mulheres pretas e seus estereótipos históricos é algo que nos dá uma certa “garantia” de que suas obras irão estar em espaços de poder no campo da educação e da arte. Infelizmente, por menos 0,2% da população brasileira possuir um título de doutorado e um percentual menor que este ser de pessoas negras, e, ainda, pela academia ser um espaço cujas relações de poder ainda são dominados pela branquitude, faz com que a obra desta artista, sirva para que possamos adentrar a discussões sobre a temática da ERER na nossa vida pessoal e profissional e, ainda, sob o ponto de vista pedagógico.

Nesta pesquisa, onde tínhamos como objetivo analisar a contribuição da obra e da artista Rosana Paulino para a Educação das Relações Étnico-Raciais, observou-se que suas obras, em especial, Classificar é saber? (2016),

[1] Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

potencializaram nossas reflexões para olhar para a realidade dos educadores e perceber o advento da tecnologia e seus produtos. nesta questão. Foi possível analisar as relações com os memes e figurinhas encontradas em diferentes redes sociais que nos remetem a um passado que não é tão distante assim, isso por que em sua obra Classificar é saber? (2016), a artista e professora Doutora Rosana Paulino, mostra que por muito tempo se comparou a fisionomia e biotipo de pessoas negras com a de animais, em algumas situações deploráveis pessoas negras serviram de “atração” para homens brancos. Na realidade dos memes e figurinhas de WhatsApp, nota-se que a referência para representar o pejorativo, o sujo, o não higiênico e o não legitimado, são as pessoas pretas.

Se por um lado pode-se antes de tudo notar que a experiência de estudantes e alunos já existia no ambiente escolar, caracterizada pela presença dos memes e figurinhas, há de se considerar, ainda, que este conhecimento precisa estar inserido para a crítica no currículo escolar, na formação de professores e nas políticas de promoção dos direitos e equidade racial.

Na perspectiva teórica e artística, contatou-se que a obra de Rosana Paulino pode ser pensada para a potência e para a prática pedagógica, colocando em ação o fazer pensante de alunos, por meio de seus artefatos culturais, visualizados em seus celulares e redes sociais, ou em outros meios como no livro didático, por exemplo. Nota-se a potência e viabilidade de projetos interdisciplinares na escola e atividade de pesquisa e criação com alunos, para a realização de uma discussão ampliada sobre o tema de pesquisa aqui abordado e desenvolvido.

Referências:

BRASIL. Ministério da Educação. *Lei n. 11.645 de 10 de Março de 2008*. Altera a Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena". Diário Oficial da União, Brasília, DF, 11 mar. 2008. P. 1.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação (CNE). *Parecer do Conselho Nacional de Educação* - Câmara Plena (CNE/CP) nº 3, de 10 de março de 2004. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana.

BRASIL. Ministério da Economia. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. *Atlas da Violência,* 2020.

FOUCAULT, M. *Vigiar e Punir*: nascimento da prisão. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

FOUCAULT, M. *A verdade e as formas jurídicas*. Rio de Janeiro: Nau Editora, 1999

FOUCAULT, M. *A Arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.

GÓMEZ, Pérez. *A cultura escolar na sociedade neoliberal.* Porto Alegre: ARTMED Editora, 2001.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*; tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

HALL, Stuart. *Cultura e representação*; tradução Daniel Miranda, William Oliveira. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2016.

HERNÁNDEZ, Fernando. *Catadores da Cultura Visual*: proposta para uma nova narrativa educativa. Tradução: Ana Duarte. Porto Alegre: Mediação, 2007.

LARROSA, Jorge. Tecnologias do Eu e Educação. IN: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *O sujeito da Educação*: Estudos Foucaultianos. Petrópolis: Vozes, 2010.

MEINERZ, Carla Beatriz. *Reparação histórica, direito à diferença e especificidades da educação das relações étnico-raciais no Brasil*. Porto Alegre: Uniafro, 2019.

PAULINO, Rosana. *Perfil e biografia*. Disponível em: https://www.rosanapaulino.com.br/. Acesso em: julho de 2020.

VEIGA-NETO, Alfredo. (2020). *A hipercrítica*: mais uma volta no parafuso IV. Momento - Diálogos Em Educação, 29(1), 16–35. https://doi.org/10.14295/momento.v29i1.9691